

Identidades Móveis de Catherine Gagneur, no romance *Corações Migrantes* de Maryse Condé.

Mara Lúcia Pinsegher (FURB/Blumenau/SC)

Prof. Dr. José Endoença Martins (UNIANDRADE/Curitiba/PR)

Prof. Dr. Marco Maschio Chaga (UNIANDRADE/Curitiba/PR)

O presente trabalho discute as formas como Catherine Gagneur constrói identidades. Parte da visão de WEST (1993) de que o “futuro do intelectual negro não está na submissão ao pai ocidental, nem na busca nostálgica do pai africano. Mas reside na negação crítica, na preservação sábia e na transformação insurgente desta linhagem negra que protege a terra e projeta um mundo melhor” (WEST, 1993, p.85). Catherine Gagneur, a protagonista negra do romance *Corações Migrantes*, de Maryse Condé (2002), parece aderir à proposta de WEST. Suas identidades derivam desta tomada de posição. Ela nega, preserva e transforma.

A tese do estudo sugere que o processo de construção das identidades de Catherine Gagneur se desenvolve em relação ao tipo de postura que WEST (1993) propõe para o intelectual (o negro comum, também) negro do futuro. Em decorrência do que WEST propõe, três aspectos são determinantes para a caracterização das identidades de Cathy. O primeiro sugere que sua identidade se evidencie em relação às maneiras como ela desenvolve uma negação crítica em relação aos mundos branco e negro com os quais entra em contato. De um lado, percebe-se que ela se diferencia das experiências de classe. Porém, contraditoriamente, em suas relações interracialis e interculturais, Catherine Gagneur se torna assimilacionista. Historicamente nas relações da mulher negra com o mundo branco a assimilação se caracteriza pelo processo de identificação com valores culturais brancos. MUNANGA (1986) assinala que está identificação com, ou seja, está assimilação da cultura do branco, se processa através dos “valores culturais ou do erotismo efetivo” (MUNANGA, 1986, p.28). A rota que a pobre e negra Cathy trilha rumo ao embranquecimento é gradual: vai da preocupação com a aparência, passa pelo interesse na educação e culmina no casamento com Aymeric de Linsseuil,

senhor rico branco de origem francesa, proprietário de grandes plantações de canaviais.

O segundo aspecto procura dar conto dos modos como ela elabora uma preservação sábia de valores culturais negros. A análise põe ênfase nas relações com o mundo negro através do nacionalismo que está inserido na religião, na dança e no amor por Razyé.

O último aspecto se preocupa com as formas através das quais Cathy Gagneur estabelece uma transformação insurgente dos mundos branco e negro. Aqui, detentora do que TYSON (2001) chama de resistência anticolonialista, a Cathy pós-colonial transforma e reescreve as experiências raciais.

Para TYSON a mais importante forma de resistência que o colonizado pode desenvolver é a psicológica. Ela explica que:

When political resistance is for the most part impossible because the forces of colonial oppression are so overwhelming, anticolonialist resistance can occur on the psychological level. That is (...) many oppressed individuals manage to keep their minds free of the colonialist ideology that tells them they are inferior. (...) Psychological resistance is perhaps the most important kind of resistance, for without it, it is unlikely that other kinds of resistance would ever occur (TYSON, 2001, p.196).

RAÇA E CATHERINE GAGNEUR: EROTISMO AFETIVO E EMBRANQUECIMENTO

Catherine Gagneur é uma negra assimilacionista. Historicamente, nas relações da mulher negra com o mundo branco a assimilação se caracteriza pelo processo de identificação com valores culturais brancos. MUNANGA (1986) explicita que esta identificação com, ou seja, esta assimilação da, cultura do branco que, no Caribe e em Guadalupe, é representado pelo colonizador francês, se processa através dos valores culturais ou do erotismo afetivo. O autor explica este processo de identificação cultural realça que

Uma maneira de embranquecer está naquilo que se costuma chamar erotismo afetivo. São relações sexuais entre a mulher negra ou mestiça com o homem branco, e vice-versa. (...) Frantz Fanon narra situações em que a mulher intelectual negra quer de qualquer jeito

embranquecer-se através do casamento com um homem branco e outras em que a mestiça persiste nessa tentativa para não regredir no esforço de ascensão social e de salvação da raça (MUNANGA, 1986, p. 28).

A primeira demonstração de assimilação de Catherine Gagneur, ou seja, a preocupação com a aparência, é fator importante no processo de embranquecimento pelo qual ela passa. A identificação começa cedo e, aos 6 anos de idade, já demonstra se preocupar com a beleza, ficando horas diante de espelhos, olhando-se, admirando-se, e enfeitando-se para tornar-se bela. Nelly, a empregada, diz que Cathy, como Catherine era chamada em casa, “estava convencida de ser a mais bela criatura na face da terra” (CONDÉ, 2002, p.24). Mais tarde, aos 15 anos de idade, depois de um mês de convivência com a família Linsseuil, Cathy retorna a sua casa ainda mais preocupada com a aparência, procura aparentar ser uma mocinha de boa família. Cathy desenvolve comportamento educado, fala mansa e apresenta um penteado em forma de coque, como as damas brancas da sociedade costumam usar. O novo penteado é bem diferente daquele que costumava ter quando deixava o longo cabelo negro caído em desalinho nas suas costas. Além desses novos enfeites, Cathy faz beicinho quando alguma coisa não a agrada. Anteriormente, quando algo não a agradasse gritava para ser ouvida. Também se preocupa em manter-se sempre à sombra para proteger a pele do sol.

A educação é interesse da família quando o irmão Justin Gagneur contrata uma freira de Petit-Canal para que ensine francês, leitura e caligrafia, à irmã. Mais tarde, Cathy se identifica integralmente com tais ensinamentos. E quando é convidada a passar uma temporada nos domínios de Belles-Feuilles, a residência dos Linsseuil, demonstra grande entusiasmo porque poderá exibir sua educação e conhecimentos. Ela diz a Nelly, a empregada: “vou escutar Mozart, vou dançar quadrilha, vou falar francês com gente que sabe dizer coisas que não sejam banais e chatas” (CONDÉ, 2002, p.35).

Boa aparência e educação trazem como recompensa o casamento com Aymeric Linsseuil. Sua reação ao futuro casamento é dupla: de um lado, percebe-se o desprezo que sente pela vida que tem na família negra; do outro, nota-se o entusiasmo que manifesta pelo que espera do futuro. Sua conversa

com Nelly é esclarecedora destes dois sentimentos. “Vou sair dessa toca de ratos e morcegos que é L’Engoulvent. Terei vestidos de seda, chapéus de plumas feitos de palha italiana e criados para me servir. Meus filhos serão brancos e ricos” (CONDÉ, 2002, p.45), ela confessa.

Deixa para traz “a toca de ratos e morcegos que é L’Engoulvent” e vai morar nas Belles-Feuilles. Realiza, assim, o sonho de se transformar em uma mulher “respeitada”. E dá ao marido os filhos que sonhara ter, com a brancura que desejava para eles. A narradora Nelly conta que “dera-lhe dois filhos meninos, Deodat e Isidore, tão brancos quanto podiam ser os de Linsseuil” (CONDÉ, 2002, p.57). Realiza, assim, o desejo do colonizado de igualar-se ao colonizador, esclarecido por MEMMI (1985):

A primeira tentativa do colonizado é a de mudar de condição mudando de pele. Um modelo tentador e muito próximo a ele se oferece e se impõe: precisamente o do colonizador. Este não sofre de nenhuma de suas carências, tem todos os direitos, goza de todos os bens e se beneficia de todos os prestígios; dispõe de riquezas e de honrarias, da técnica e da autoridade. É, enfim, o outro termo da comparação que esmaga o colonizado e o mantém na servidão. A primeira ambição do colonizado será a de igualar-se a esse modelo prestigioso, de parecer-se com ele até nele desaparecer (MEMMI, 1985, p.106-107).

RAÇA E CATHERINE GAGNEUR: ATABAQUE E NEGRITUDE

Nas suas relações com o mundo negro, o nacionalismo da mulher negra se caracteriza pela valorização das experiências culturais negras. MUNANGA (1986) revela que o nacionalista assume, com orgulho, a condição de ser negro através de aceitação da valorização das experiências do negro nas sociedades das Américas. Para ele

Abandonada a assimilação, a libertação do negro deve efetuar-se pela reconquista de si e de uma dignidade autônoma. O esforço para alcançar o branco exigia total auto-rejeição; negar o europeu será o prelúdio indispensável à retomada. É preciso desembaraçar-se desta imagem acusatória e destruidora, atacar de frente a opressão, já que é impossível contorná-la. Aceitando-se, o negro afirma-se cultural, moral, física e psicologicamente. Ele se reivindica com paixão, a mesma paixão que o fazia admirar e assimilar o branco. Ele assumirá a cor negada e verá nela traços de beleza e de feiúra como qualquer ser humano “normal” (MUNANGA, 1986, p.32).

A auto-reivindicação que Cathy faz dos valores negros se dá através do seu amor por Razyé. Quando jovem, a relação amorosa que mantém com Razyé a faz partilhar experiências com o rapaz. A narradora Nelly relata

O dia inteiro era para aqueles dois o momento de disparar galopando pelo planalto calcário que cercava L'Engoulvent. Eles pegavam cotias que assavam sobre moquéns. Mergulhavam de cabeça no mar e pescavam com as mãos lagostas que se escondiam nas cavidades dos rochedos (CONDÉ, 2002, p.27).

Para Cathy esse amor é verdadeiro. Ela própria assume o sentimento com tal força a ponto de colocar o amante no centro da sua vida, acima dela mesma. Ela diz que “ele me é muito querido. Gosto mais dele do que de mim” (CONDÉ, 2002, p.35).

É no âmbito do amor negro que Cathy cria seus próprios códigos de conduta e de reflexão, que reinventam uma apreciação pessoal de Deus. A oração, desenvolvida quando ainda é criança, dá a dimensão da sua relação com um Deus branco, que ela e Razyé não aceitam mais. Na hora de dormir, rezam, aos gritos para que Deus os ouça bem: “nós te odiamos você que a gente não vê, mas que está lá em cima no céu. Você divide sem justiça a cor da pele as moradias e as terras. Nós nunca te chamaremos de nosso pai porque você não o é” (CONDÉ, 2002, p.119). O ódio dos dois, a invisibilidade, o distanciamento e a injustiça divinos, os impedem de aceitá-lo com um pai. Mais difícil se torna a aceitação de Deus, porque, na ótica dos dois Ele não faz uma distribuição eqüitativa da “cor da pele”, moradia e terra.

É igualmente no âmbito do que os amantes pensam daquele Deus maldoso, que mais tarde Cathy vai criticar a noção que uma educação religiosa tradicional a faz desprezar as coisas prazerosas. E reclama que “a religião que a gente aprende na igreja proíbe tudo o que dá gosto à vida. Por causa dela, as necessidades do nosso corpo viram maldições” (CONDÉ, 2002, p.83). Ela não para de questionar o tipo de religião que é levada a aprender e assimilar como verdadeira, única e universal. Quando morre, esta experiência religiosa a acompanha. Prestes a morrer Cathy ainda diz à criada Lucinda Lucius:

Sabe, desde criança eu me pergunto se a religião cristã não é uma religião dos brancos feita para os brancos, se ela presta para a gente que tem sangue africano nas veias. Não deveria haver uma religião para cada raça, para cada povo da Terra? (CONDÉ, 2002, p. 83)

Entre algumas das “necessidades do corpo” que ela reivindica como algo não maldito está a dança negra. Ao som do atabaque a dança vem de raízes negras e dá movimentos à experiência e cultura negras.

O relato de Etienniese, uma jovem descendente de indianos, revela como é sentir e participar da dança que vem das raízes negras. Etienniese foi levada, por sua melhor amiga, africana, Astrélise, para o quintal atrás do barraco cheio de gente, e revela,

um dos irmãos de Astrélise batia atabaque, um outro o acompanhava com o ti-bwa e mais um outro com a gaita. Sob as luzes dos lampiões, toda a família dançava, desde os pequenos que mal tinham aprendido a andar, até aqueles que estavam com um pé na cova... Passado um momento, o calor tomou conta de meu corpo. Começou pelas mãos, que eu não conseguia impedir de baterem uma contra a outra. Depois o arrepio chegou nas minhas coxas e fez meus joelhos se chocarem um contra o outro. Quando o movimento desceu aos meus pés, não pude mais me controlar (CONDÉ, 2002, p. 174).

Ao som do atabaque de Razyé, quando ainda é criança conserva as suas raízes negras locais, como relata Nelly “À noite, no terreiro, Razyé batia o atabaque como um verdadeiro tambouyé, e Cathy dançava como uma crioula de engenho” (CONDÉ, 2002, p.28).

O tipo de amor que se estabelece entre Catherine Gagneur e Razyé é o amor romântico que se estabelece na renúncia ao amado para preservar o amor. Em seus aspectos de classe a Cathy enfatiza elementos raciais.

A história de amor contida na obra de Maryse Condé revela uma estória de amor entre Razyé e Catherine. Os amantes são pobres, negros e só podem sobreviver do seu amor. Desde o momento em que, trazido pelo pai de Catherine, Razyé passa a viver na mesma casa com a moça, a evolução do amor se dá em três momentos: o amor infantil, o amor adolescente e o amor adulto.

O amor infantil de Cathy e Razyé é apresentado no relato da criada Nelly: “Cathy, ao contrário de seu irmão, começou a idolatrar Razyé” (CONDÉ, 2002,

p.27). O tipo de idolatria recíproca que se estabelece entre Razyé e Catherine os torna inseparáveis.

Sempre juntos, cavalgam, pescam, pegam cotias e adoram brincar no cemitério. No relato de sua morte Cathy deixa claro que, quando crianças, Razyé promete nunca deixá-la.

Quando éramos crianças e brincávamos no cemitério ao lado da sepultura de minha mãe, você fez a promessa de nunca me deixar. Se fosse você o primeiro a partir, não iria para o além, mas ficaria sobre a Terra dando voltas e mais voltas ao meu redor. Estaria na árvore que se agita, na madeira que geme, na água parada, nos esconderijos, na multidão. Nunca iria partir (CONDÉ, 2002, p.93).

Ele sugere que nem a morte poderá separá-los. À noite costumam dançar no terreiro e depois sobem para o quarto e dormem um em cima do outro. O amor infantil dos dois é puro, inocente, e está cheio de brincadeiras divertidas.

Na adolescência, o amor de Cathy e Razyé substitui as brincadeiras inocentes e divertidas por um envolvimento de atos e conseqüências mais sérios, embora ainda sem a percepção exata de tudo. A própria Cathy reflete sobre a primeira relação sexual com o amado: “a primeira vez que nós nos amamos foi sem querer. Não sabíamos o que fazíamos” (CONDÉ, 2002, p.97). Porém, aprendem e descobrem juntos os segredos do sexo e do relacionamento amoroso através das mãos e dos beijos. Ela se entrega ao homem amado e desejado.

Contraditoriamente, é na adolescência, também, que ela começa a criar novos hábitos que a distanciam de Razyé. Cathy passa a ler, escrever e a ter novas amizades. Fica distante de Razyé por um mês, onde fica na casa de Huberte de Linsseuil em Belles-Feuilles.

Quando volta da casa de Huberte de Linsseuil Cathy encontra Razyé diferente, irreconhecível, vivendo não mais na casa dos pais dela, mas na estrebaria. Ela repreende o estado lastimável em que se encontra amado. “Você podia se lavar um pouco. Cortar os cabelos. Eles parecem rabo de uma vaca” (CONDÉ, 2002, p.40), ela o critica.

Na idade adulta, Cathy tem a consciência que gosta mais de Razyé do que dela mesma. “Gosto mais dele do que de mim mesma” (CONDÉ, 2002, p.35), ela confessa. Esta demonstração encontra um obstáculo: a situação lastimável em que se encontra Razyé. Ela confessa a Nelly que “no estado que se encontra agora Razyé nunca poderei me casar com ele. Isto seria uma degradação” (CONDÉ, 2002, p.45/46). Razyé ouve a conversa e quando desaparece sem explicações, deixa a amada sem vontade de viver. “De noite, urrava como um cão que vê a morte passar. Não saia mais da cama” (CONDÉ, 2002, p.50), conta Justin, o irmão de Cathy.

Cathy, então, casa-se com o branco, rico e poderoso Aymeric Linsseuil, porém, mesmo casada, não esquece Razyé. O amado permanece uma lembrança viva e carinhosa em suas recordações. Até mesmo na morte:

Parecia até, às vezes, que eu era você. Muitas vezes um sentimento penoso, porque sua companhia não era muito agradável. Não mais desagradável do que eu mesma, aliás, tão mais rico em defeitos do que eu em qualidades. Mas agora não existo mais, eu lhe perdi. Para sempre. E este vazio me sufoca.” (CONDÉ, 2002, p. 93).

Para GLISSANT (2005) o que Condé constrói no romance é um exemplo de crioulação, de experiência rizômica, ou seja, a experiência “não mais como raiz única, mas como raiz indo ao encontro de outras raízes (GLISSANT, 2005, p.27).

CATHERINE GAGNEUR: UMA IDENTIDADE MÓVEL

Quando se procura relacionar as subjetividades e identidades de Catherine Gagneur a ênfase se dirige para as transformações identitárias que agem sobre o sujeito pós-moderno. Segundo HALL (2001) a subjetividade pós-moderna produz o sujeito como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. Hall argumenta que “a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação as formas pelas

quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2001, p.13). Hall afirma que

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2001, p.13).

Através desta visão de Hall podemos perceber que Catherine preenche o dinamismo desta identidade móvel e fragmentada.

Além do fato de ser detentora de mobilidade identitária, outro aspecto relevante em relação a Catherine Gagneur é o conceito de nação imaginada de HALL (2001). Ele sugere que as nações são sempre compostas de diferentes classes sociais e diferentes grupos étnicos e de gênero. Nisso se difere de teóricos como ANDERSON (1989) que enfatizam os valores comuns da nação imaginada. Ele argumenta que “em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade” (HALL, 2001, p.62). Realça que as nações formadas por culturas, classes, etnias e gêneros diferentes e forças hegemônicas e imperialistas.

Cathy negra é detentora da diferença, marcada pelo desejo ser branca, ter status e casar com um homem branco. Ela quer penetrar no mundo branco. Catherine Gagneur deseja mudar de grupo, ela não quer manter a tradição e a herança com Razyé e assim diz à empregada que “na companhia dele, eu recomeria a viver como se nós ainda fôssemos selvagens na África. Igualzinho” (CONDÉ, 2002, p.46).

Ao mesmo tempo nacionalista e assimilacionista, Cathy Gagneur prova o quanto a identidade dela está em movimento, está fragmentada. A assimilação dela reside no desejo de buscar uma vida melhor, quando diz que “vou sair dessa toca de ratos e morcegos que é L’Engoulvent. Terei vestidos de seda, chapéus de plumas feitos de palha italiana e criados para me servir. Meus filhos serão brancos e ricos” (CONDÉ, 2002, p.45). Revela, assim, que deseja uma vida melhor e vai conquistá-la. A mudança acontece após a morte do pai. O irmão Justin vende um pedaço de terra e investe na melhoria da casa e nos seus próprios estudos. Mais tarde contrata uma freira que ensina Catherine a

ler, a escrever, a ter boas maneiras a se vestir melhor. Depois destes ensinamentos Catherine conhece Huberte de Linsseuil que a convida para ficar em sua casa. Por um mês Catherine se encanta com o luxo e com as coisas que aprende com Huberte e família. Nelly relata:

Ela volta diferente tinha penteado e levantado em coque sua grande cabeleira negra, que antigamente caía em desalinho nas suas costas. Preocupa-se agora com a cor de sua pele, protegendo-se com uma sombrinha e buscando sempre a sombra. Em vez de pular no dorso de um cavalo e galopar sob o sol, ela sentava-se na varanda e virava as páginas de um livro (CONDÉ, 2002, p.40).

Catherine transforma-se, muda a sua personalidade, não deseja ser apenas uma negra e sim fazer parte da sociedade branca. É neste período que ela conhece seu futuro marido Aymeric de Linsseuil.

Ela não permanece no seu mundo particular de nacionalismo que procura estar só no meio dos seus. Catherine Gagneur tem a consciência que precisa misturar esses dois mundos. Catherine Gagneur tendo uma identidade móvel consegue casar com o tão desejado homem branco e rico. Consegue misturar os grupos étnicos e “dá a luz a dois meninos Déodat e Isidore, tão loiros quando podiam ser os de Linsseuil”. (CONDÉ, 2002, p.57).

CONCLUSÃO

Neste ensaio, procurou-se discutir como Catherine Gagneur nega, preserva e transforma, no romance *Corações Migrantes*, de Maryse Condé. Em sua tríplice atitude de negar, preservar e transformar foi intenção do estudo evidenciar que, ao assumir tais características, a senhora Gagneur se aproxima do tipo de missão que WEST (1993) estipula para o negro – intelectual, negro comum, homem ou mulher. Procurou-se esclarecer que a Cathy de Condé, sem ter a pretensão de parecer intelectual, manifesta o desejo de pertencer ao tipo de “linhagem negra” que inclui aqueles afro-descendentes que almejam “protege[r] a terra e projeta[r] um mundo melhor,” especialmente no campo da literatura.

O ensaio explicitou que a rota que a moça pobre e negra trilha rumo ao embranquecimento é gradual, indo da preocupação com a aparência, passando pelo interesse na educação, culminando no casamento com Aymeric de Linsseuil, senhor rico e branco de origem francesa, proprietário de grandes plantações de canaviais. O trabalho esclareceu ainda que Catherine Gagneur não se deixa congelar nas atitudes de identificação com, e busca da assimilação do, mundo branco. Como personagem complexo que é, não se reduz aos limites do “pai ocidental”, mas também abre espaço para o “pai africano” e deseja ser apreciada como nacionalista. O estudo ainda sugeriu que a auto-reivindicação que Cathy faz dos valores negros se dá, “pela reconquista de si e de uma dignidade autônoma”, que se evidencia nas diferentes identificações assumidas em relação ao que sente por Razyé, à dança e à religião.

O trabalho enfatizou que Catherine Gagneur não é detentora de identidade fixa, essencial ou permanente, mas móvel. Em função desta mobilidade identitária Cathy Gagneur não se congela numa única identidade. Ela possui identidades móveis, fragmentadas. Negra, deseja ser branca, assimila a cultura branca, casa com um homem branco, mistura diferentes grupos étnicos e diferentes classes sociais. Ela consegue penetrar no mundo branco. Assim, não procura manter a tradição e a herança com Razyé. “Na companhia dele, eu recomençaria a viver como se nós ainda fossemos selvagens na África. Igualzinho” (CONDÉ, 2002, p.46), ela desabafa.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, B. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

CONDÉ, M. **Corações Migrantes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

FANON, F. A Questão da Negritude. São Paulo, Brasiliense, 1984. In: MUNANGA, K. **Negritude Usos e Sentidos**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

GLISSANT, E. **Introdução a Uma Poética da Diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MEMMI. **Retrato do Colonizado Precedido Pelo Retrato do Colonizador**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

MUNANGA, K. **Negritude Usos e Sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.

TYSON, L. **Learning for a Diverse World: Using Critical Theory to Read and Write about Literature**. London: Routledge, 2001.

WEST, C. The Dilemma of the Black Intellectual. In : WEST, C. **Keeping Faith : Philosophy and Race in America**. New York: Routledge, 1993, p.67-85.